

IMPRESSÕES MARGINAIS:

Chacal e as vozes do periodismo brasileiro

Renata Gonçalves Gomes

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

As impressões da poesia marginal feitas pela crítica literária brasileira a partir da antologia setentista de Heloísa Buarque de Hollanda *26 Poetas hoje*¹, encomendada pela editora Labor, fez com que inúmeras questões fossem levantadas em relação à, até então, nova vanguarda da poética brasileira, nomeada marginal. Ainda não cessadas, essas questões foram discutidas por díspares críticos literários brasileiros que, em conjunto ou solitários, concordavam ou discordavam com a inclusão da geração do mimeógrafo como novo movimento de vanguarda. Dentre esses críticos brasileiros, Heloísa Buarque de Hollanda se destaca por ter sido pioneira ao tratar do assunto, quando a partir de suas afirmações outros teóricos foram se colocando sobre o tema, como é o caso de Cláudio Willer², Luiz Costa Lima e Jorge Wanderley³ e Cacaso⁴. Tendo em vista que estes principais teóricos da área escreviam regularmente em periódicos – ou continuam a escrever – a análise destas impressões da poesia marginal se dará via artigos publicados nos periódicos, *Argumento* (1974)⁵, *José* (1976)⁶, *Almanaque* (1979)⁷, *Revista do Brasil* (1986)⁸ e *Cult* (1997 e 1999)⁹, sendo que todas as

¹ *26 Poetas Hoje*, de Heloísa Buarque de Hollanda é a primeira antologia dos poetas da década de 70, ditos marginais. Segundo Heloísa, o livro foi encomendado pela editora Labor, já que a escritora, crítica e professora estava trabalhando com esse material poético há dois anos. A editora pediu à Heloísa que reunisse em uma antologia, aqueles poetas em que ela acreditava ser os marginais. Os vinte e seis poetas reunidos nesta antologia são: Adauto de Souza Santos, Afonso Henriques Neto, Ana Cristina César, Antonio Carlos de Brito, Antonio Carlos Secchin, Bernardo Vilhena, Capinan, Carlos Saldanha, Chacal, Charles, Eudoro Augusto, Flávio Aguiar, Francisco Alvim, Geraldo Eduardo Carneiro, Isabel Câmara, João Carlos Pádua, Leila Miccolis, Leomar Fróes, Luiz Olavo Fontes, Ricardo G. Ramos, Roberto Piva, Roberto Schwarz, Torquato Neto, Vera Pedrosa, Waly Sailormoon e Zulmira Ribeiro Tavares. A antologia foi lançada no ano de 1976.

² Cláudio Willer é ensaísta, poeta e tradutor. Em seu ensaio “Esses Poetas”, onde analisa as antologias de Heloísa Buarque de Hollanda *26 Poetas hoje* e *Esses Poetas – Uma antologia dos anos 90*, publicado na Revista *Cult*, ano II número 21. p. 24-29.

³ Luiz Costa Lima e Jorge Wanderley faziam parte do conselho editorial da Revista *José*, e portanto, participaram do debate apresentado na edição número 2, agosto de 1976. p.2-9.

⁴ Antonio Carlos de Brito, ou Cacaso, foi professor, ensaísta e poeta.

⁵ A Revista *Argumento* foi publicada durante o ano de 1973 e início de 1974 quando – por causa da ditadura – foi retirada de circulação.

⁶ A Revista *José* teve dez números publicados entre o ano de 1976 e 1978.

⁷ A Revista *Almanaque* teve quatorze números, porém sua periodicidade não é linear, sendo que são 2 números no ano de 76, 3 no ano de 77, 3 no ano de 78, 2 no ano de 79, 1 no ano de 80, 2 no ano de 81, e 1 no ano de 82.

⁸ A Revista *do Brasil* teve várias fases, sendo que sua primeira foi no ano de 1916 e a derradeira no ano de 1990.

⁹ A Revista *Cult* surgiu no ano de 1997 e sua periodicidade continua até os dias atuais.

impressões abordam esta literatura pelo ângulo dos vários poetas – ímpares - da geração, inclusive o de objeto de estudo deste trabalho, o poeta Chacal.

É interessante que seja destacado que os periódicos escolhidos para tal pesquisa são de propriedade do acervo do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC)¹⁰, situado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), aonde a pesquisa foi desenvolvida. A pesquisa deu-se a partir da solicitação de artigos referentes ao poeta Chacal, contidos na Base de Dados do NELIC, sendo que provinham de díspares periódicos de diferentes décadas, sendo que a década com maior número de ensaios publicados sobre o assunto em questão é a de setenta, visto que é a década na qual se encontra no auge da efervescência dos debates sobre o tema. Ainda assim, percebe-se que é assunto ainda em voga ao passo que, alguns poetas em atividade atualmente continuam sustentando os debates e levantando questões não findadas até então, mantendo a suas escritas poéticas até os dias atuais, como é o caso do poeta Chacal.

Antes que se parta para a análise da crítica literária contidas nos periódicos, é essencial que se faça um apanhado geral sobre o que é a poesia marginal, e o que essa geração do mimeógrafo representou – e ainda representa – para a poesia pós-moderna brasileira, numa época em que o contexto político-social não só fazia com que as expressões de arte germinassem como também fazia com que elas apodrecessem. A censura era um estorvo e ao mesmo tempo era um impulsor às mentes poéticas que buscavam um desvio para tal. Ao passo em que a política nacional aqui estava semeando a repressão, o mundo oceano afora se mostrava cada vez mais contracultural, mais rebelado. Neste sentido, alguns dos poetas, ditos, marginais, vão absorver essa chamada contracultura, e a partir daí desenvolver um novo modo de fazer poesia aqui no Brasil. Este é o caso de Chacal, que recebe a influencia não apenas de poetas brasileiros como Oswald de Andrade, mas também de poetas que tiveram uma grande influencia nessa dita contracultura, caso de Allen Ginsberg¹¹. Portanto, neste trabalho, é importante que se defina a voz do poeta Chacal perante este movimento literário e cultural, tendo como base seus depoimentos e as evidencias contidas em sua poesia. Assim como é importante que sejam definidas também, as principais vozes da crítica

¹⁰ Coordenado pela professora doutora Maria Lúcia de Barros Camargo.

¹¹ Como o próprio poeta afirmou em discussão em mesa-redonda com o professor Demétrio Panarotto, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concedida no Sesc Prainha, Florianópolis, no dia 24 de abril do ano de 2009. Chacal afirma que decidiu que queria fazer poesia assim com Allen Ginsberg, quando o viu em um recital em Londres. O poeta descreve a interpretação diferenciada de Ginsberg em relação aos demais poetas, quando entrou de meias, vestindo um macacão, despenteado e com uma longa barba – intercalando poesia e música no palco.

literária sobre o assunto em voga, vozes que estabelecerão um movimento entre a aceitação de um estabelecimento de nova vanguarda da poética nacional.

A poesia marginal, definição que foi relacionada por críticos literários – principalmente por Heloísa Buarque de Hollanda¹² -, à poesia feita no período pós-tropicalista da década de setenta, é composta por poetas atuantes de díspares características e influências que por ora, não são diferenciados quando estigmatizados pela mesma nomenclatura. Neste mesmo grupo de poetas ditos marginais, pode-se estabelecer uma diferença mínima entre os poetas que estavam mais ligados à crítica e a Academia, caso, por exemplo, de Ana Cristina César – que era tradutora e crítica – e Antonio Carlos de Brito, ou Cacaso – que era Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e crítico literário- e os poetas ditos da geração do mimeógrafo, que não tinham a proposta de crítica literária, mas que tinham a proposta da poética como forma de expressão do corpo, de uma política e da vida, como é o caso de Chacal.

Sendo assim, a poesia marginal, e aqui usarei este termo para falar da poesia do período pós-tropicalista em geral – sabendo das diferenciações entre os poetas inseridos neste rótulo-, estabeleceu-se em uma década onde a liberdade de expressão era reprimida e a política ditatorial que se fazia no país esmagava as chances de um mercado editorial aberto. Em contrapartida, o movimento tropicalista que antecedeu a poesia marginal, recusava o discurso e a poética populista, visto que para eles o discurso não deveria ter propostas nem promessas e as letras de músicas deveriam ser literariamente trabalhadas, incorporando o fragmento, a técnica e o alegórico nelas. Os tropicalistas, principalmente Caetano Veloso e Gilberto Gil – os mais engajados no movimento -, tinham em suas poesias, uma atitude de descrença ao populismo, dentro dos pressupostos marxistas-leninistas.

Desta forma, em um contexto pós-tropicalista, na década de setenta – já com fortes influências da contracultura e do movimento literário beat generation – a valorização da marginalidade urbana dos grandes centros do país, a liberação sexual, e a experiência com drogas, acabam por se chocar com referenciais do sistema e da cultura. Essa marginalidade vai ser caracterizada pelo ideal de ameaça ao sistema político-cultural e não apenas como uma alternativa de expressar-se.

¹² Em sua tese de doutorado, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Heloísa Buarque de Hollanda desenvolve a teoria envolta do termo *marginal*, estabelecida por ela em seu livro *26 poetas hoje*, para a poesia feita na década de setenta. Nomenclatura essa que daria ainda, muitas discussões não só para a crítica, mas também para os poetas que pertenciam à este grupo.

Ainda após o segundo golpe, o AI-5, quando os movimentos de massa foram todos derrotados, permanecia um ideal – por parte dos tropicalistas e pós-tropicalistas – de alcançar os meios de comunicação de massa, a televisão e as revistas e os jornais. Neste ínterim, a revista *Navilouca*, que era organizada pelos “marginais” Torquato Neto e Wally Sailormoon reunia textos literários de poetas e escritores tanto do período tropicalista como o pós-tropicalista. Foi uma das mais importantes revistas de publicação dessa cultura underground, dessa cultura marginal que surgia país afora. Reconhecendo a importância que a revista *Navilouca* teve para o movimento contracultural no Brasil, o poeta Chacal anos mais tarde – em um *remembering* - escreve um poema intitulado *Navilouca*, onde faz um apanhado de imagens contextualizadas no tempo presente da revista.

Navilouca

quero encontrar você
o dia amanhecendo
num buteco
tomando média
olhos claros
translúcidos
- você, aqui?

de repente nós dois
e o resto.

a gente vai
andando andando
dando risada
falando bobagem
pisando a paisagem
viagem

de repente
numa esquina
de terno o tempo
vai passar
apertado apressado.
a gente pára o tempo
diz a ele, calmamente,
como é a felicidade
e vai seguir seguir seguir.....¹³

Após as publicações em periódicos e o surgimento de alguns ensaios sobre o assunto, o tema de marginalidade na poesia e na cultura brasileira veio a tona, com

¹³ Poema de Chacal escrito em 2002, no livro *A Vida é Curta para Ser Pequena* e no livro *Belvedere*, de 2007.

algumas desavenças por parte dos poetas em relação aos críticos¹⁴. Portanto, essa efervescência de opiniões divergentes que o tema trazia é retratada, principalmente, nos periódicos como *Argumento*, *Almanaque*, *José*, *Cult* e *Revista do Brasil*, que terão alguns de seus ensaios comentados aqui neste trabalho, em relação a esta poesia marginal com suporte na poesia de Chacal.

As revistas da década de setenta, *Argumento*, *Almanaque* e *José* vão trazer a poesia marginal ainda como tema de debate e discussão para firmar uma linha teórica em cima do que ainda estava sendo lançado e publicado sobre tal. Nas revistas *Almanaque* e *José*, o ponto de partida é a antologia de Heloísa Buarque de Hollanda, diferente do ponto de partida da revista *Argumento* que é anterior à publicação da antologia. Neste último periódico então, o ponto de partida para a discussão do tema marginal é dada pela Expoesia I, evento que se realizou com o objetivo de levantar as formas permanentes de poesia da época, visto que era uma retrospectiva dos movimentos de vanguarda e também um levantamento de áreas de produção poética da época datada.¹⁵ Apesar de não partir da antologia de Heloísa, o ensaio presente na revista *Argumento* serve como uma iniciação ao tema, visto que é de autoria de Heloísa e Cacaso.

Já a revista *Almanaque* traz em sua edição de 1979, um dos capítulos da tese de doutorado de Heloísa Buarque de Hollanda, *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*, no qual retrata a poesia marginal justamente junto aos periódicos. Ainda, Heloísa retrata o temor ou até certa precipitação sobre o termo marginal, que na maioria das vezes é mencionado como o *dito* marginal. O capítulo anexo na revista, ainda dá espaço ao poeta Chacal, no qual vincula seu nome com a nova idéia de mercado editorial, onde os poetas da geração do mimeógrafo eram auto-suficientes em relação à publicação e distribuição de suas obras. Ainda há de se relatar que, para o poeta Chacal a poesia marginal não teria propósito se fosse publicada por grandes editoras, visto que publicar poemas revoltados contra o sistema em uma grande editora seria totalmente incoerente. Neste caso, anos mais tarde, Chacal tornaria sua fala

¹⁴ Na *Revista do Brasil*, Cacaso cita uma das desavenças entre Chacal e Heloísa Buarque de Hollanda, quando o primeiro insiste em afirmar que o livro lançado pela teórica e professora foi apenas para cumprir o que esta teria que defender em sua tese. Chacal afirma em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*: “26 Poetas Hoje é um cocô cheiroso. Pegou o bonde atrasado da legitimação (...). O livro é um grande engodo; não tem importância nenhuma na literatura (...). É com tristeza que eu recordo este livro”. Ironicamente, no ensaio publicado na revista com o nome de *Você sabe com quem está falando? (as polemicas da polemica)*.

¹⁵ *Nosso verso de pé quebrado* é de autoria de Heloísa Buarque de Hollanda e Antonio Carlos de Brito, publicado na revista *Argumento* ano de 1974.

anterior contraditória, porque no ano de 2007, ele publicaria sua antologia completa pela editora 7 letras da Cosacnaify, pela coleção Ás de Colete, com o título de *Belvedere*.¹⁶

Já a revista *José*, no ano de 1976, junto com a publicação da antologia de Heloísa Buarque de Hollanda *26 Poetas Hoje*, reuniu a professora e teórica, e mais os poetas da antologia Ana Cristina César, Geraldo Eduardo Carneiro e Eudoro Augusto, junto a sua equipe editorial composta por Luis Costa Lima, Sebastião Uchoa Leite e Jorge Wanderley para um debate aberto sobre as polêmicas e dúvidas que a nova antologia estava causando aos críticos da área.

As questões mais evidentes levantadas pelos críticos é sobre a introdução contida em *26 Poetas Hoje*, quando Heloísa discorre sobre uma retomada de 22, ao passo que para Uchoa Leite essa retomada é relativa em relação à objetividade do coloquialismo de Drummond, Bandeira e Oswald, diferente do coloquialismo subjetivo dos poetas selecionados na antologia. Ainda, Ana Cristina César deixa claro que existe o movimento anticabralino, um ato de desformalização da poesia, deste lado formalista em que a poesia de João Cabral de Melo Neto se dava.

Segundo Heloísa, a reunião do grupo de poetas não seria para unificar o grupo, mas apenas para selecionar aqueles que estavam mais relacionados com essa identidade marginal e underground, respeitando as diferenças de forma e influências. Para tanto, a organizadora do livro distingue os 26 poetas em dois grupos, nomeando-os de os mais novos e os mais velhos, não por idade – segundo ela - mas por objetivos poéticos. Dentre os mais velhos, consegue-se perceber a presença de Cacaso, Ana Cristina César, Waly Sailormoon e Torquato Neto, talvez os mais letrados e presentes na crítica, segundo Heloísa. Dentre os mais novos, cita Roberto Piva, Capinam e Chacal e afirma a forte influência que os poetas “mais novos” mostravam em suas poesias. O fato de suas poesias serem influenciadas pela geração beat, Allen Ginsberg na poesia e Kerouac na prosa, também faziam com que o espírito jovial da poesia de uns, os separassem dos ditos “mais velhos”. Essa distinção entre “mais velhos” e “mais novos” dá-se também pelo fato de alguns poetas não terem direção de leitura e viverem de acordo com a vida que se viveu nos Estados Unidos, no ápice da contracultura e da poesia beat. Neste caso, em Chacal, é possível estabelecer uma relação até sobre os temas de seus poemas, que

¹⁶ Na antologia, o poeta afirma que este livro é um reconhecimento de seus trinta e seis anos de exercício poético, um momento para uma parada estratégica para ver a vista, assim como num belvedere. Ainda, em discussão na mesa-redonda com o professor Demétrio Panarotto, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concedida no Sesc Prainha, Florianópolis, no dia 24 de abril do ano de 2009, Chacal afirma que este é o seu primeiro livro que consegue se sustentar em pé.

algumas vezes cruzavam com os de Ginsberg, como no livro *América*, de 1975, onde o poema *América Amem* cruza em certos momentos com o *America*, de 1956 de Ginsberg. A crítica de Ginsberg à vida capitalista do pós-guerra Norte-Americano é também criticado por Chacal, quando desde o título do poema, a crítica é feita através da ambigüidade da palavra “amem”, que pode ser lida também como “amém”, numa alusão à absorção inconsciente da cultura capitalista Norte-Americana, ou ainda, pode ser lida como American man (o homem americano).

América Amem

américa amem
me ensinou a ser assim
antropofágico pagão
um fauno de calça lee

américa amem
palavras
palas
palavreados

américa amem
woody woody
vô dôo
feijão & arrotto

américa amem
nosso desespero
nossa paixão
imensa¹⁷

A partir da década de noventa, a poesia marginal toma um espaço diferente na crítica literária, ela deixa de ser assunto em debate para tornar-se fato. A poesia marginal tão em voga nas décadas anteriores, passa a ser comparada a novas antologias e a uma possível repetição do passado. Tanto a poesia marginal quanto os poetas que nela se encaixam, não são mais questionados, mas dão espaço para um fluxo de comparação entre os poetas da década de setenta e os da década de noventa, transpondo os questionamentos a esta possível nova geração. Sendo assim, a revista *Cult* em dois ensaios¹⁸ de anos diferentes (1997 e 1999), trazem a mesma questão sobre o novo, sobre uma nova poética através das antologias, retratando o paradoxo do ‘publicar o novo do jeito mais antigo’, através das antologias. Cláudio Willer ainda compara, especificamente, as obras de Heloísa Buarque de Hollanda, *26 Poetas Hoje* da década

¹⁷ Chacal, no livro *América* (1975) e na antologia *Belvedere* (2007).

¹⁸ Na edição 1 ano 1997, no ensaio *Diálogo Literário: O Sol Urbano da Poesia Brasileira*, sem autor registrado. E na edição 21, ano 1999, no ensaio de Cláudio Willer *Repetição do velho ou germinação do novo?*.

de setenta, e *Esses Poetas – Uma antologia dos anos 90* sua antologia da década de noventa que reuniu díspares poetas como Ítalo Moriconi, Arnaldo Antunes e Felipe Nepomuceno.

Portanto, através dos periódicos neste trabalho apresentados, é possível delinear uma trajetória da crítica literária brasileira perante à não apenas a poesia marginal, mas também aos novos movimentos literários de vanguarda que surgem esporadicamente, reavivando as muitas questões levantadas sobre a poesia marginal. É importante que se destaque ainda, o papel dos periódicos para a formação da crítica literária no Brasil e para os debates referentes às vanguardas e aos assuntos referentes à literatura.

Os periódicos, para a poesia marginal, foram meios de divulgação, esclarecedores sobre o tema – já que estes circulavam ao mesmo tempo no meio acadêmico e no mundo underground –; foram analisados e reconhecidos por críticos importantes, seja na Academia, no círculo Editorial, ou ainda no mundo underground do mimeógrafo. A geração do mimeógrafo hoje, e é nesta que melhor se inclui o poeta Chacal, não renega suas origens do mundo underground, não esquece seus ideais antiformalistas e contra-ditatoriais, mas demonstra que o tempo abalou o discurso contracultural e rebelde em relação ao mercado editorial, visto que o poeta marginal dos anos setenta metamorfoseou-se em Poeta, com “pê” maiúsculo – aquele que sustenta o poeta em pé.

Referências

ALMANAQUE. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, nº 10.

ARGUMENTO. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1974, nº 3.

CHACAL. *Belvedere (1971-2007)*. São Paulo: Cosacnaify. 2007.

CHACAL. *Quamperios*. São Paulo: Cosacnaify. 2007.

CULT. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, nº 1.

CULT. São Paulo: Lemos Editorial, 1999, nº 21.

GINBERSG, Allen. *City Midnight Junk Strain – Selected Poems (1947-1995)*. London: Penguin Books. 1996.

GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e Outros Poemas*. Trad. WILLER, Cláudio. Porto Alegre: 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/1970*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1980.

JOSÉ. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1976, nº 2.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de Época: Poesia Marginal Anosn 70*. São Paulo: Edição Funarte. 1981.

ROSZAK, Theodore. *A Contracultura*. Petrópolis: Editora Vozes. 1972.

REVISTA DO BRASIL. Rio de Janeiro: FUNARJ, 1986, nº 5.